

AS TORRES DE MARFIM E A REALIDADE DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS

Por: **Vladimir de Sales Nunes**

Discente de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Vale do São Francisco.
Diretor Presidente da PRESERVE JR. - Empresa Júnior de Ciências Biológicas da UNIVASF.
E-mail: vladimir.nunes@discente.univasf.edu.br

Nos últimos anos e, em especial nos últimos meses, me assomba o número de vezes em que me deparei com indivíduos vociferando violentamente contra as universidades públicas brasileiras, sua "doutrinação ideológica", "promoção do comunismo" e outros absurdos. Como sempre tenho dito, essas falas são típicas de quem não conhece ou nunca pisou numa universidade pública.

Por mais que o título carregue uma denotação negativa, os ambientes de educação superior, no Brasil e fora dele, são criadouros de uma elite intelectual que, no caso do Brasil, pouco tem a ver com a elite econômica. Principalmente por causa das políticas de universalização da educação postas em práticas desde o início dos anos 2000, como o ENEM, PROUNI e FIES, além do fortalecimento da educação básica e política de cotas, cada vez mais estudantes de origem pobre, negra, periférica e indígena têm conquistado lugares de destaque entre a camada intelectualizada dos brasileiros.

Contudo, o percentual de brasileiros com nível superior concluído é de apenas 5% da população*. Ou seja, 95% dos brasileiros pode nunca ter estado em uma universidade na vida, mesmo que de visita.

Quando aliamos esse percentual à empírica e

facilmente observada preferência por projetos de pesquisa em detrimento de projetos de extensão, nas universidades, o cenário que surge é um de ainda mais afastamento das universidades da população externa e de sua realidade, o que, a longo prazo, gera um crescente estranhamento entre essas partes.

A contribuição das universidades públicas para o Brasil e seu povo é imensurável mas minimamente tangível quando se observa a quantidade, qualidade e diversidade da produção científica nacional em todas as áreas.

O Brasil é líder em produção científica na América Latina e está entre os maiores do mundo. O que as universidades têm produzido inclui, dentre outras coisas, vacinas as mais diversas, plantas e cultivares melhoradas para impulsionar a produção agrícola nacional, descobertas de importância extrema na saúde, e proteção ao meio ambiente e sustentabilidade.

O brasileiro que vocifera contra as universidades sem conhecer nenhuma delas não entende e desconhece que a maior parte do que ele faz e precisa durante o dia foi desenvolvida dentro do ambiente científico, da comida geneticamente melhorada no seu prato aos satélites que provêm internet para que o cidadão possa berrar torrentes diárias de impropérios como senhor da razão.

E, apesar de sua extrema relevância, as universidades públicas brasileiras vivem desde há muitos anos sob ataque direto: são uma das primeiras vítimas de rotineiros e indiscriminados cortes orçamentários, sofrem com falta crônica de investimentos, são atacadas diariamente por atores externos e têm tido, principalmente nos últimos quatro anos, sua autonomia atacada com a nomeação de reitores interventores não-eleitos para suas reitorias (os famigerados *pro tempore*).

Esse flagelo constante e injusto é sentido "na carne" por quem vive as universidades em seu cotidiano: a falta de recursos reverbera em estruturas precárias, prédios caindo aos pedaços, laboratórios utilizando reagentes vencidos há anos em experimentos, falta de coisas simples como sabão e água, atraso no pagamento de bolsas e auxílios, entre outros martírios.

No meio desse cenário dantesco, de abandono e aflição mas de muita luta e resistência, é deveras lamentável que a comunidade acadêmica ainda precise ouvir injustos desaforos quando ela é uma das que menos recebe e que mais entrega. Cada dia em que os recursos da Educação são diminuídos ao invés de ser aumentados pode custar um ou mais anos na esteira do progresso nacional.

Universidade não existe apenas para pagar contas. É lugar do saber, de Ciência, de Tecnologia, de Ensino, Pesquisa e Extensão. É lugar de democracia e respeito. Não é lugar de interventores nem daqueles que nada têm para contribuir ao seu país.

Entre aqueles que atacam as universidades, há os que digam, incluindo o ex-(anti)ministro da Educação, Abraham Weintraub que vivemos em "torres de marfim", isolados da realidade e desperdiçando recursos.

Tivesse visitado uma universidade apenas, talvez a nossa própria UNIVASF, teria visto a altura dessas torres: Ciência sendo produzida apesar da calamidade orçamentária, restaurantes universitários sem ter como atender o público por falta de detergente para lavar pratos, banheiros sem água, internet sem funcionar, frota de veículos parada sem combustível, prédios desabando, e dinheiro gasto onde não se devia por interventores.

Mas a luta segue. a UNIVASF, as outras universidades e a Educação brasileira sobreviverão a esse teste de fogo. Sobreviverão porque merecem mais que isto. Oxalá possa este presente caos se tornar apenas uma memória ruim de um passado obscuro em um futuro próspero, produtivo e pacífico.

Longa vida à Ciência brasileira!!!

*<https://patrocinados.estadao.com.br/medialab/releaseonline/releasegeral-releasegeral/segundo-dados- apenas-5-da-populacao-brasileira-possui-curso-superior-concluido-2/>